

Não rotuleis de simples neurasthenia implo-
rando tónicos e ar puro, alienações idiopathicas
de escuro prognostico, desequilibrios hereditarios
de vultu. E se o estado actual de vosso doente
é inquietante apresentae-o ao medico conscien-
cioso ou ao alienista. Cuidemos cêdo dos males
se os não quizermos "irremediaveis".

LINGUAGEM MEDICA

pelo Dr. Raul Pilla

AINDA TIBIA E FASCIA

A vantagem das discussões, ainda mesmo das discus-
sões de ordem scientifica, não está em trazer de prompto a
solução da contenda, pelo accordo das partes. Reside uni-
camente no debate, que illumina o assumpto para os que o
acompanham de fora.

Por isso, e porque o douto e estimado collega, Dr.
R. M. fez, em seu ultimo artigo, afirmações, que não po-
dem passar em julgado, é que volto á arena, aliás sem
desejo nenhum de prolongar inutilmente a controversia.

Resumamos o estado actual da questão. Affirmou o
illustre collega que se pode dizer acertadamnte o **tibia**, o
fascia, fundando-se em que o uso é este e, como tal, faz lei.
Para mais fortalecer a sua doutrina, alvitrou a explicação
de se ter dido a mudança de genero de **tibia** sob a influen-
cia do substantivo **osso**, claramente expresso a principio e
agora apenas subentendido.

Objectei a isto, que não é o uso popular, o uso na verda-
deira e philologicamente valiosa accepção do termo, o que
se verifica no caso, mas apenas o uso vicioso de uma mi-
noría douta. Recusei, tambem a explicação do facto, pro-
posta pelo prezado collega, acceitando como indiscutivel,
ali, a influencia franceza.

Isto posto, acompanhemos a argumentação que o douto
collega desenvolveu em seu ultimo artigo.

Não é perfeitamente exacto affirmar, como faz, que o
uso geral tenha consagrado o **tibia** e o **fascia**. Ha algumas
restricções, que fazer nesta proposição.

Primeiramente, não é o **uso geral**, mas simplesmente o
uso entre a classe médica. Quanto a **tibia**, esta restricção
tem algum valor, por não ser um vocabulo de emprego ex-
clusivamente medico, mas conhecido de todas as numerosis-
simas pessoas, que estudaram historia natural. Assim é
que, quando estudante de gymnasio, eu só conhecia a **tibia**, a
omoplata, e os meus compendios de zoologia, escriptos em
portuguez, só consignavam estes termos no genero fe-
minino. 1)

Não é, portanto, rigorosamente o **uso geral**, mas o uso
entre os **medicos**. Uma prova disso encarrega-se de dar o
proprio collega, quando confessa que todos os dictionarios
da lingua attribuem o genero feminino aos referidos vo-
cabulos.

A segunda restricção é ser apenas no Brasil corrente
entre os medicos a masculinação de **tibia** e **fascia**, pois em
Portugal continuam a ser femininos, ainda entre os medicos.

Assim, apesar de vulgar entre nós, não se pode dizer

que seja geral o uso de **tibia** e **fascia** no masculino, nem
mesmo entre a classe medica.

O argumento perde, portanto, muito do seu vigor, por-
que, não é demais insistir, o que dá força de lei ao uso,
é ser generalizado e popular. Já no artigo publicado em
fevereiro, fazia eu notar que o "uso popular é que é o le-
gitimo, porque obedece a forças internas, accordes com o
genio da lingua".

Portanto, nada tenho que oppor á douta citação de Ruy
Barbosa, que me quiz contrapor o erudito contradictor. Re-
fere-se ella evidentemente ao uso popular, e não se applica
certamente ao nosso caso.

Aliás, basta uma simples reflexão para demonstrar
quanto justificada é a distincção, que estabeleço entre
uso e uso. Serão legitimas e atrever-se-á o meu prezado
collega a defender todas as expressões correntes em
nossa linguagem medica? Fio eu que não, apesar do uso
inveterado de muitas, pois, a applicar o criterio que está
defendendo agora, ficariam legitimados os verdadeiros bar-
barismos de que está inçado o nosso calão profissional.

Tanto assim é que, em seu primeiro artigo, não se limitou
a invocar pura e simplesmente o uso; procurou esteiar o
argumento em diversas considerações, taes como a varia-
bilidade de genero no decorrer da evolução historica e o
esclarecimento da causa determinante da mudança. Por-
que, se bastasse o uso vigente entre nós, para fazer lei
na materia, desnecessario se tornaria tecer mais consi-
derações.

Constatada no caso a precariedade do uso, pois é
elle que está em causa, reconsideremos o valor das outras
justificações alvitradas.

Consiste este essencialmente na preexistencia da phrase
hypothetica o **osso tibia**. E' hypothetica e desnecessaria,
uma vez que **tibia**, simplesmente **tibia**, já incluía em si a
ideia genérica de **osso**.

Este é o ponto capital, que se não deve esquecer e a
que não se pode fugir. Não só é uma hypothese a do "**osso
tibia**", mas é uma hypothese pouco racional, que contra-
vem á logica dos factos da linguagem.

Nunca me passou pela mente negar o valor da hypothese,
não só em philologia como em qualquer outra sciencia.
Mas a hypothese não se levanta arbitrariamente no vacuo,
e muito menos em desacordo com certos factos. Repito,
pois, **tibia** já significava por si "**osso tibia**", assim como
homo já designava o "animal homem". A hypothese alvi-
trada é injustificavel e, por conseguinte, sem valor, quanto
não se demonstrar em uma phase evolutiva em que real-
mente se tivesse usado a xprssão **osso tibia**."

Nem valem os exemplos analogicos apresentados. Ao
contrario, fazem resaltar ainda mais a fraqueza do argu-
mento. Ninguém nega que as phrases **rio Sena**, **cruzador
Bahia**, **couraçado Minas Geraes**, **vinho Champanha**, **canho-
nheira Mearim**, tenham produzido a **Mearim**, o **Champanha**,
o **Minas Geraes**, etc. Mas estas são phrases vivas, reaes e
necessarias, porque a noção do genero não está incluída
no substantivo designativo da especie. **Tibia** já incluía a
ideia generica de **osso**; **Republica**, **Bahia Champanha**, etc.
designam cousas muito differentes das significadas pelo
substantivo generico e, em taes casos, não só eram natu-
raes, mas necessarias as phrases "**cruzador Republica**", "**vi-
nho Champanha**", que deram, por eclipse, "**o Republica**", "**o
Champanha**". Basta o simples cotejo para denunciar a pro-
funda differença, entre os dous casos.

Não posso acompanhar, por falta de espaço, a douta
explanação do meu illustre contradictor sobre o valor da
hypothese em philologia, para demonstrar que as suas
observações não são applicaveis ao caso que se debate.

1) Assim o Compendio de Zoologia de Maximiano Le-
mos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto, diz, á pag.
177 (3.ª edição): "A perna é formada por dois ossos: a
tibia para dentro e o **peroneo** para fora."

Importa, antes, defender-me do contra-ataque que me dirigiu, arguindo-me de contradictorio.

Diz o Dr. R. M.: "Ora, o douto collega apenas oppõe a esta hypothese uma outra supposição, a do gallicismo."

Bem se entende o que quer dizer o meu prezado contradictor: "hypothese por hypothese, eu tenho direito de conservar a minha". E', porém, manifesto o engano em que cahiu.

Não é uma simples hypothese a influencia do francez em nossa lingua, e principalmente, sobre a nossa degenerada linguagem medica. E' uma influencia real e irresistivel quasi, dada a insufficiencia da nossa cultura classica. E' um factor cuja presenca, menos de que a sua ausencia, sua ausencia, carece de ser demonstrada. E' uma influencia omnipresente e verdadeiramente endemica. Antes, pois, que comproval-a, num determinado caso, desde que ella se ajuste á explicação dos factos, seria necessario exclui-la, pela evidencição de outros factores mais razoaveis, se existissem.

Entre a hypothetica e pouco razoavel expressão "osso **tibia**", que não tem parallelismo com "cruzador Republica", "canhoneira Belmonte", e a infecção gallica, denunciada e combatida por todos os estudiosos da lingua, não há absolutamente paridade: uma é hypothese sem base, outra é um facto real. Até que se demonstre o contrario, foi **le tibia**, **le fascia** o que deu em portuguez **o tibia**, **o fascia**, contrariando o genio da lingua que clama: **a tibia**, **a fascia**.

Mas, duas allegações faz o douto defensor da masculinização de **tibia** e **fascia**, com vistas a enfraquecer a etiologia gallicana do phenomeno.

"Mas... admittido, por momento, o gallicismo, diz elle, nós teriamos explicado o **caso portuguez**."

"Que influencia procuraríamos para explicar o **caso francez** **le tibia**?"

"Como é que do feminino latino **tibia**, o francez tirou **le tibia**?"

Respondo logo: é que francez não é portuguez e que, identicas não são as leis que presidem aos dois idiomas.

A letra **a** em francez não é terminação feminina, como em portuguez, antes é masculina, e por isso os substantivos femininos do latim, terminados em **a**, passaram para o francez em **e**, que é a terminação característica do feminino: **rosa**, **rose**; **amica**, **amié**.

Ora, tendo **tibia** conservado em francez a terminação latina por motivos que não vem a pello discutir, o unico genero que convinha ao vocabulo, de accordo com o genio da lingua, era o masculino e não o feminino. Numa palavra, as mesmas causas que concorrem para que **tibia** seja masculino em francez, exigem que **tibia** seja feminino em portuguez. O argumento invocado prova, pois, exclusivamente em meu favor.

Não menos feliz é a segunda allegação. Pergunta o prezado collega: Porque, se a causa invocada para **tibia** é verdadeira, porque tambem se tem feito **omoplata** masculino, quando em francez é feminino? Logo, conclue, a explicação não serve, porque não se applica a todos os casos.

Ora, a mesma objecção pudera eu revirar contra o meu contradictor, porque como demonstrei no precedente artigo, a explicação lembrada para **tibia**, não se applica a **fascia**. Prefiro, porém, atacar de frente o argumento. Os dois casos são diversos e, portanto, não admittem explicação identica.

E' preciso distinguir.

O unico ponto commum aos dois vocabulos, **tibia** e **omoplata**, é terminarem em **a** e designarem ossos. Quanto ao mais, divergem profundamente. Um é latino, o outro é

grego. **Omoplata** vem de $\omega\mu\omicron\pi\lambda\acute{\alpha}\tau\eta$, **tibia** procede de **tibia**, **tibiae**.

Ora, sabido é que os substantivos femininos em η , passaram para o latim em **a**. **Omoplata** não fugiu á regra neste ponto, como não fugiram outros tantos vocabulos ($\gamma\rho\alpha\mu\mu\alpha\tau\iota\kappa\eta$, **grammatica**).

Por outro lado, muitos substantivos gregos terminados em **a** são neutros, continuando neutros no latim, mas passaram em nossa lingua para o masculino. Taes são $\pi\nu\epsilon\delta\mu\alpha$, **pneuma**; $\pi\acute{o}\tau\eta\mu\alpha$, **poema**.

Estes são os factos. E' evidente agora a causa da masculinização de **omoplata**. Este vocabulo é feminino, nem lhe conheço autorizadamente outro genero. Mas, dada a sua feição caracterizadamente grega, apesar da translitteração latina, dá a muitos a impressão de ser, em grego, um vocabulo neutro terminado em α e, portanto, masculino em portuguez, pela regra geral.

Diversos, pois, são aqui os casos, e diversas as causas em jogo. Em nada diminue o valor dos argumentos invocados no caso de **tibia**, por se não applicarem igualmente no caso de **omoplata**, uma vez que são casos diferentes.

A syphilis, por exemplo, é uma infecção espalhada, multiphas são as suas manifestações. Entre estas, porém, muitas semelham a perturbações determinadas por outras causas. Entretanto, porque a syphilis não explica estes ultimos casos, ninguem se lembra de negal-a nos primeiros. E' exactamente o simile de **tibia** e **omoplata**. E' preciso distinguir.

Demais, não se pode totalmente excluir uma influencia franceza reflexa em "**o omoplata**". **Omoplata** é feminino, mas viciados que já estamos, os medicos, com a tendencia franceza em dizer **o tibia**, **o fascia**, etc., isto é, em masculinizar vocabulos de feição francamente feminina, claro é que mais facilmente seriamos levados a aceitar erroneamente **o omoplata** em vez de **a omoplata**.

Os vicios se engrazam mutuamente, e um acarreta o outro. Combatel-os e reprimi-os é pois urgente necessidade, e longe de se lhes ter benevolencia, o que se deve é extirpal-os sem piedade. Por assim pensar foi que, embora correndo o risco de parecer impertinente, me dispuz a replicar ao illustrado collega.

HEMORRHAGIE EN NAPPE

Empregam os francezes esta expressão e nós, como de costume, a repetimos fielmente, para exprimir a hemorrhagia que se faz em superficie, "como uma toalha, unida, sem se dividir, sem jactos, sem movimento sensivel."

Correspondendo ao francez *nappe d'eau* a expressão portugueza *lençol d'agua*, occorreu ao Dr. Placido Barboza, cuja autoridade é unanimemente reconhecida, derivar do substantivo latino *lintheolum* (*lençol*) o adjectivo *lintheolar*, e empregal-o na versão daquella phrase franceza.

Assim aconselha elle que se diga: *hemorrhagia lintheolar*, *fluxo lintheolar*.

Justificavel é o processo derivativo empregado pelo Dr. Placido Barboza, pois frequentes são os casos, em nossa lingua, de adjectivos derivados, não directamente do substantivo vernaculo, cuja forma a tal não se presta, mas do substantivo latino correspondente.

Assim, poderemos ter *lintheolar* ao lado de *lençol*.

Acontece, porém, que o professor Diogo Ferraz, cathedratico de Pathologia Cirurgica da nossa Faculdade, e que tem desenvolvido louvaveis esforços para depurar a nomenclatura medica, lembra, para traduzir "*hemorrhagie en nappe*", a expressão *hemorrhagia porejante*, que parece excellente, e tem sobre a outra a vantagem de não ser um neologismo.

E' além disso mais precisa e exacta, pois se trata aqui de hemorragias determinadas por extravasamento dos capillares, hemorragias verdadeiramente porejantes. Demais, havendo já, como faz notar o professor Ferraz, hemorragias arteriaes, ou de jacto intermitente, hemorragias venosas, ou de jacto continuo, fica bem á symetria das expressões, cousa de grande valor em nomenclatura, o emprego da terceira denominação: *hemorragias capillares ou porejantes*.

Opto, por conseguinte, pela "hemorrhagia porejante" contra a "hemorrhagia linteolar", do preclaro scientista Dr. Plácido Barboza, mas só o uso dos doutos, — que este é realmente um dos casos em que elle tem autoridade para resolver a questão — só o uso dos doutos poderá escolher definitivamente.

VOCABULARIO MEDICO

pelo Dr. R. M.

As vezes a formação de neologismos tem contrariado o que está estabelecido como regra para a criação de palavras eruditas; i, é: 1º a necessidade de ser creado o neologismo, por não existir ainda palavra que exprima a ideia que se quer definir; ou então que o novo termo exceda em precisão, em vigor, ao já existente; 2º a nova palavra, de puro typo grego ou latino, se adaptará á indole da lingua portuguesa.

Convem notar que em medicina se tem recorrido á fonte grega, e deixado de todo a latina.

Examinaremos, de quando em quando, algumas palavras de introdução recente no vocabulario medico; comecemos pelo *Esfregaço*. — Esta é de má feitura.

O radical *esfreg* seria bem cabido ao formar-se esfregade-la, esfregão, ou outro termo de linguagem do povo, como o verbo esfregar.

A este radical foi accrescentado o suffixo *aço*, que em portuguez indica acção energica, as vezes violenta, e tambem augmento; indicações estas bem improprias para significarem o levissimo contracto de uma nica de figado ou de baço, com fina lamina de vidro, até produzir-se uma *mancha*, que deve ser submettida a processos especiaes de fixar e corar; cousa conhecida em laboratorio de microscopia pelo nome generico de preparação.

Os substantivos (entre os quaes alguns pertencem ao vocabulario regional), balaço, bolaço, guascaço, laçaço, lançaço, manotaço, pontação, puaco, relhaço, todas, dão a ideia de uma acção forte, violenta, nada comparavel á doce fricção do tecido no vidro; assim tambem bagaço, calhamaço, cartapaço, chumaço, maço, madraço, mestraço, ricaço, vadiaço, exprimem a ideia de augmento, a qual não pode lembrar a — *macula* — deixada no vidro pelo tecido que o tocou ao de leve.

Esfregaço é um nome em contradicção com a natureza da cousa nomeada; e já Platão aconselhava não chamar-se ao impio de Theophilo (amigo de Deos) ou de Muesitheo (que traz Deos em lembrança), por não haver propriedade no nome; e que é preciso nomear as cousas com naturalidade de significação; com o instrumento conveniente — o nome adequado — e não conforme o nosso capricho. Na linguagem erudita, seria o radical — *fric* — bem indicado; a este dever-se-ia juntar um suffixo que imprimisse ao thema a ideia de brandura, ou de diminuição; e poderíamos encontrar o termo desejado entre: fricacho, que seria formado á semilhança de riacho; fricelinho, de folhelho; fricolho, de ferrolho; fricela, de rodela; fricete, de cavalete; friceta, de sineta; fricoto, de perdigoto; fri-

cito, de palito; fricula, de macula; fricato, de garavato; fricola, de vapazola; fricinho, de ratinho.

Mas, como está firmado que se procure a fonte grega para a feitura dos termos scientificos, é preciso examinar, nessa lingua, qual o thema para designar o attrito (leve); e qual o suffixo que indica o resultado de uma acção, incluindo tambem a ideia de diminuir,

Eis o que cabe fazer a algum competente, se não fôr encontrado um termo portuguez que signifique o *frottis*, ou lhe equivalha.

Um caso de „hemicrania periodica“

pelo Dr. Hernani de Araújo

J. C., 30 annos, branca, casada, com 3 filhos sadios. Soffreu ha annos de calculos biliares. Recorda-se das horriveis collicas hepaticas, dôres que quasi a matavam. Fez uso constante de azeite doce, depois sal de Carlos Baden por espaço de 6 annos. Come pouca carne e não toma alcool de especie alguma, a conselho do seu medico assistente de então. Ha varios annos nunca mais elliminou calculo algum nem sentiu dôr no figado, nunca apresenta prisão de ventre a não ser nas epochas catameniaes. Sempre sente como que uma faixa em torno á cintura, mais accentuada ao nivel da região hepatica. Quando essa sensação cessa, a constricção como que a desopprime, é signal certissimo de "enxaqueca". Tem "azias", eructações, constantes bocejos; começa a sentir leve adormecimento do braço esquerdo, accentuadamente da esphera do nervo cubital. Alguns calefrios, o pulso acelerado, a respiração irregularisa-se e installa-se a cephallalgia intensa, hemicranica esquerda. Dura em média 3 dias. Durante o accesso a doente apresenta algumas alterações psychicas interessantes. Predomina pela notoriedade a falta de volição, ou melhor, a diminuição sensível do "querer". Por exemplo: ha um copo d'agua junto á cama. A doente tenciona tomal-o, mas durante um tempo relativamente longo, não tem a força, a energia precisa para realizar o que deseja. E' uma especie de paralysisa parcial e momentanea que a invade. Outro phenomeno a adduzir é a phobia. Imagina possibilidades de incendio, de roubos, de crimes; percebe ruidos que não existem e se são reaes attribue-os a ladrões, a assassinos. Não ha phobia de factos phantasticos, taes como aparições d'ultra-tumba ou almas, tudo se relaciona com perigos reaes que ella exaggera.

Esta doente tem melhorado extraordinariamente com a medicação seguinte: 50,0 grs. diarias de bicarbonato de sodio e á noite 1 comprimido de guarafeno.